



O comércio informal de Sobral: um estudo a partir das ruralidades que se apresentam no cotidiano da cidade

Sobral's informal trade: a study from the ruralities that appear in the city's everyday life

1. **Thaysslorranny Batista Reinaldo**  <https://orcid.org/0000-0003-3372-4649>

1. Universidade Estadual Vale do Acaraú  UEVA, Sobral, Ceará, Brasil

2. **Virginia Célia Cavalcante de Holanda**  <https://orcid.org/0000-0001-6070-7292>

2. Universidade Estadual Vale do Acaraú  UEVA, Sobral, Ceará, Brasil

Autor de correspondência: thaysslorranny@gmail.com

RESUMO

O processo de globalização intensifica a Divisão Internacional do Trabalho (DIT) e as desigualdades sociais, e o trabalho informal torna-se um dos principais meios de subsistência da população. Este artigo investiga as relações de produção, circulação e consumo no comércio informal de Sobral (CE), com ênfase nos produtos oriundos do campo que expressam ruralidades no espaço urbano. A pesquisa adota abordagem qualitativa, articulando bibliografia, documentos e trabalho de campo junto a trabalhadores(as) informais que comercializam alimentos e pequenos animais em diferentes pontos da cidade. Os resultados indicam que a ruralidade se manifesta por meio da venda de milho, pamonha, leite, hortaliças e aves, em calçadas e locais de grande circulação. Conclui-se que o comércio informal em Sobral reflete tanto a busca por melhores condições de vida quanto a ausência de inserção no mercado formal, ressaltando a necessidade de políticas públicas específicas.

Palavras-chave: Comércio informal, ruralidades, espaço urbano, Sobral-CE

ABSTRACT

The globalization process intensifies the International Division of Labor (IDL) and social inequalities, making informal work one of the main means of subsistence for the population. This article investigates the relations of production, circulation, and consumption within informal commerce in Sobral (Brazil), focusing on rural products that express ruralities in the urban space. The research follows a qualitative approach, combining bibliographical, documentary, and field data collected from informal workers who sell food and small animals in different areas of the city. The results show that rurality is expressed through the commercialization of corn, pamonha (a traditional corn-based food), milk, vegetables, and poultry on sidewalks and busy urban spaces. We conclude that informal commerce in Sobral reflects both the search for better living conditions and the lack of opportunities in the formal labor market, highlighting the urgency of specific public policies.

Keywords: Informal commerce, ruralities, urban space, Sobral-CE.

Introdução

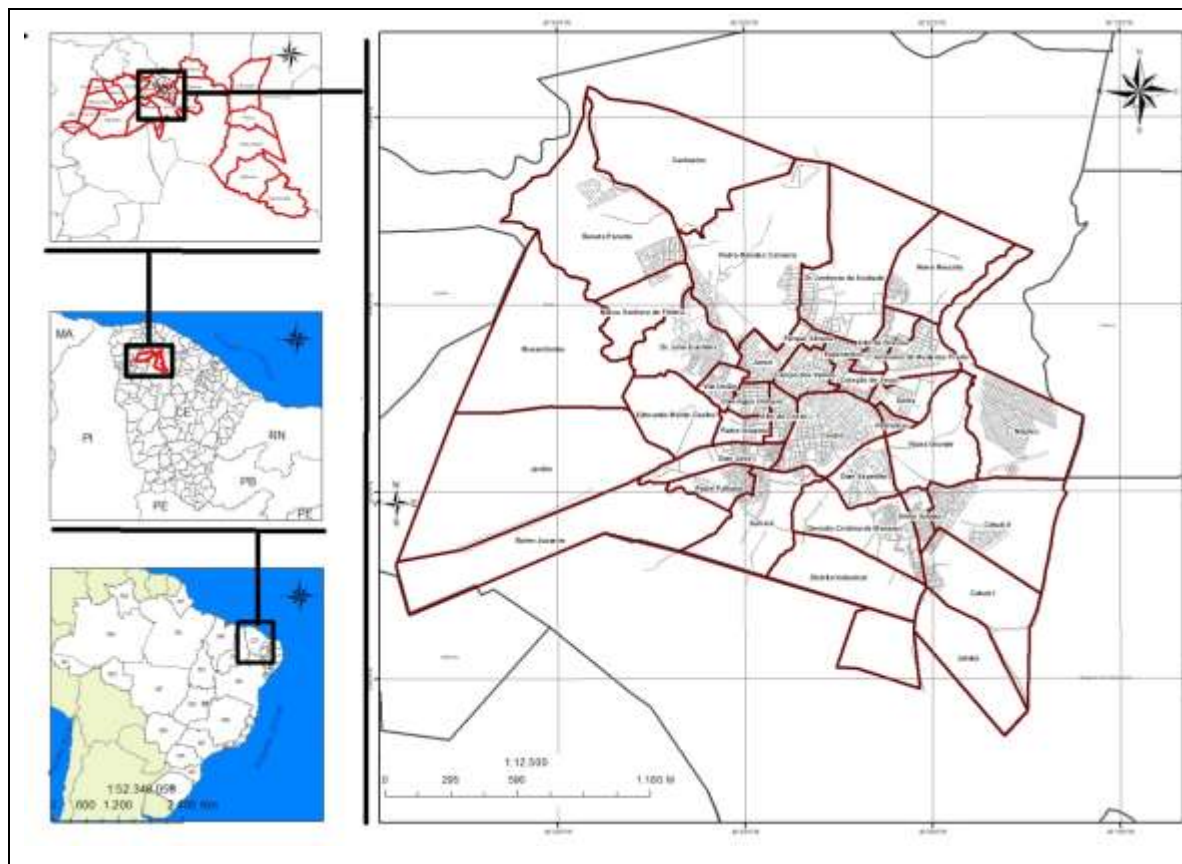
O capitalismo, enquanto modo de produção baseado na propriedade privada dos meios de produção, tem como finalidade central a obtenção de lucro e a acumulação de riquezas, o que acentua as desigualdades sociais (HARVEY, 2005). Com sua consolidação e expansão, as relações sociais e de trabalho sofreram transformações significativas, sobretudo a partir da reestruturação produtiva e da globalização, fatores que contribuíram para a intensificação do comércio informal tanto no campo quanto na cidade. Nesse contexto, observa-se o avanço da precarização do trabalho, refletida na ausência de garantias e direitos trabalhistas.

Segundo Jakobsen (2001), o setor informal consiste em atividades urbanas de pequena escala que geram renda, realizadas fora do âmbito das regulamentações oficiais, em mercados não regulamentados e competitivos. Essa configuração reflete, por um lado, a exclusão de um contingente significativo de indivíduos do mercado formal de trabalho e, por outro, a manutenção de práticas culturais e econômicas que conectam o espaço urbano às ruralidades.

A problemática do comércio informal tem sido objeto de análise em diferentes áreas do conhecimento, como a Geografia, a Economia e a Sociologia, em razão de suas múltiplas dimensões e implicações socioespaciais. Nesse contexto, compreender como essas dinâmicas se manifestam em realidades específicas torna-se fundamental para reconhecer suas particularidades e contradições. Assim, este artigo tem como objetivo investigar as relações de produção, circulação e consumo no comércio informal em Sobral (CE), com ênfase nos produtos oriundos do campo que expressam ruralidades presentes no espaço urbano.

O município de Sobral, localizado na região noroeste do Ceará (figura 1), possui uma população estimada em 203.023 habitantes e área territorial de 2.068,474 km² (IBGE, 2022). Classificada como cidade média, exerce forte influência regional, apresentando dinâmicas econômicas complexas, nas quais coexistem o comércio formal e o informal.

Figura 1 - Localização da área de estudo, Sobral, Ceará



Elaboração: José Marcos Duarte Rodrigues (2024)

No cotidiano urbano sobralense, o comércio informal revela-se como uma das manifestações das ruralidades, evidenciadas por meio da venda de produtos provenientes do campo em pontos estratégicos da cidade — avenidas, praças, áreas próximas a escolas e universidades, paradas de ônibus e estações do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT). Trata-se de uma forma de trabalho que, ao mesmo tempo em que reflete a expansão do capitalismo, também constitui estratégia de sobrevivência para trabalhadores(as) que encontram no setor informal sua principal, ou mesmo única, fonte de renda.

Assim, o presente estudo busca compreender como o comércio informal em Sobral materializa a relação campo-cidade e de que forma as ruralidades se manifestam na dinâmica urbana por meio da comercialização de produtos oriundos do campo.

Metodologia

A pesquisa desenvolvida adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na compreensão dos significados e das práticas cotidianas relacionadas ao comércio informal em Sobral.

O percurso metodológico estruturou-se em três etapas complementares. A primeira consistiu no levantamento bibliográfico, realizado em teses, dissertações, artigos científicos e livros que discutem temas relacionados ao capitalismo, trabalho informal, campo-cidade e ruralidades. A segunda etapa correspondeu à pesquisa documental, utilizando bases como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e documentos da Prefeitura Municipal de Sobral, com o intuito de contextualizar os dados socioeconômicos e territoriais do município.

A terceira etapa consistiu na realização de trabalho de campo, efetuado entre janeiro de 2024 e junho de 2025, em diversos locais da cidade de Sobral, incluindo o Mercado Municipal, a Avenida John Sanford, as imediações das estações do Veículo Leve sobre Trilho (VLT) – Campos dos Velhos e Junco – e o Beco do Cotovelo.

Foram conduzidas 20 (vinte) entrevistas semiestruturadas com trabalhadores(as) informais envolvidos na comercialização de produtos oriundos do campo, complementadas por conversas informais durante as observações realizadas. A seleção dos participantes considerou a atuação direta com produtos cultivados no campo, abrangendo tanto aqueles(as) trabalhadores(as) que transitam diariamente pelas vias urbanas quanto os(as) que ocupam pontos fixos previamente selecionados, com o objetivo de evidenciar as ruralidades presentes no espaço urbano.

O processo de observação foi conduzido em diferentes dias e horários, buscando compreender a espacialização e a dinâmica da circulação das mercadorias. Posteriormente, os dados coletados foram sistematizados e representados em mapas temáticos, elaborados a fim de identificar a distribuição espacial da comercialização dos produtos em Sobral.

O capitalismo e o comércio

O comércio, as relações sociais e de trabalho perpassam pelos interesses capitalistas, que (re)organiza o espaço geográfico para atender suas demandas. O modo de produção capitalista tem entre seus objetivos a obtenção do lucro, por meio da exploração do comércio e do trabalho. Seu surgimento ocorreu a partir da desestruturação do sistema feudal, impulsionado com a expansão marítimo-comercial da Europa nos séculos XV e XVI, se fortalecendo com o crescimento da industrialização no século XIX.

O capital cria e recria formas que viabilizem sua expansão, e o comércio é um dos meios que sofre influência direta das relações capitalistas. Harvey (1994) destaca que o capitalismo, orientado para seu crescimento e fortalecimento, explora o trabalho vivo, comprando a força de trabalho e organizando o processo produtivo. As relações comerciais são uma das formas do capitalismo obter lucro e o comércio surgiu antes do modo de produção capitalista, conforme aponta Faria (1999):

O mercado tal como o conhecemos hoje é resultado de um longo processo histórico de evolução da instituição social da troca. Embora o senso comum confunda mercado e capitalismo, o surgimento da relação mercantil, instituição básica do mercado, data de, pelo menos, dois milênios antes na civilização europeia, mais precisamente, no século VI a. C, quando as cidades jônicas gregas inventaram a moeda emitida pelo Estado (FARIA, 1999, p. 261).

Segundo Lima (2017), é difícil determinar exatamente quando começou a atividade comercial. O que se sabe é que ela teve origem na antiguidade e foi praticada em diferentes partes do mundo, por diversos povos e civilizações. A teoria é que o comércio surgiu a partir dos processos de trocas na antiguidade, quando grupos trocavam suas produções por outras. Além disso, ele explica que, com a sua expansão ao longo do tempo, houve a necessidade de desenvolvimento de tecnologias, criação de ferrovias, estradas, pontes e portos que pudessem escoar a produção e a troca de mercadorias. As formas do comércio contêm e refletem o movimento de transformação da sociedade ao longo do tempo.

De acordo com Silva (2011), o comércio tem uma estreita relação com o consumo e foi intensificado com o surgimento do capitalismo. As formas de comércio se

mostram como complexidades socioespaciais, pois são produtos históricos, desenvolvidos ao longo da existência humana para satisfazer suas necessidades de vida, e a reprodução ampliada do capital.

Dessa forma, com o surgimento do modo de produção capitalista, as relações comerciais foram sendo progressivamente modificadas, especialmente no setor produtivo e nas relações de trabalho. Diferentemente do período feudal¹, em que predominava o trabalho servil vinculado à terra, no pré-capitalismo² o comércio passou a se estruturar com base no trabalho livre e assalariado. Para entender essa transformação, recorremos a Marx (2008), que, ao analisar a transição do feudalismo para o capitalismo, destaca que mudaram também as formas de exploração: não se explorava mais apenas a terra, mas também a força de trabalho do trabalhador, comprada como mercadoria no mercado.

Segundo Harvey (2005), o capital tem renovado constantemente seus métodos de acumulação, muitas vezes por meio da exploração, e tem se apoiado nas instituições do Estado para legitimar suas ações no interior das economias. Dessa forma, essas práticas conferem ao capital maior mobilidade e facilitam sua expansão em escala mundial. Além disso, é importante destacar que, na consolidação desse modo de produção como sistema global, têm sido incorporadas outras formas de acumulação, como a especulação e a financeirização, especialmente nas últimas décadas do século XX. Nesse contexto, verificou-se também o avanço do processo de globalização e o fortalecimento do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006).

Dessa maneira, o modo de produção capitalista passou por diversas transformações à medida que a sociedade sofria alterações, adaptando-se e reestruturando-se conforme necessário, especialmente ao longo do século XX, com a emergência do capitalismo financeiro em sua fase monopolista. Nesse contexto, Lovadini (2017, p. 103) esclarece que:

¹ O modo feudal de produção tinha como estrutura básica de seu desenvolvimento a propriedade do senhor sobre a terra (os feudos) e a propriedade limitada do senhor sobre o camponês servo. (OLIVEIRA, 2007, p. 14).

² O pré-capitalismo, também conhecido como capitalismo comercial ou mercantil, ocorreu nos séculos XV e XVIII e foi o primeiro modelo capitalista adotado no mundo após a crise do feudalismo.

Ao longo do século XX, o sistema capitalista passou por intensas transformações que alteraram estruturas de produção, promovendo novas configurações espaciais. O capital balizado pelas potências imperialistas – formadas fundamentalmente pela tríade EUA, Europa Ocidental e Japão – atua sistematicamente para impor as suas necessidades por via hegemônica, de forma consentida ou por coerção. Nesse sentido, a fase atual do capitalismo, caracterizada por grandes conglomerados industriais e pelo poder do mercado financeiro, estabelece uma fusão contraditória entre a política do Estado e os interesses do capital, mediante uma lógica territorial de poder.

Para compreender essa fase, recorre-se à análise de Oliveira (2005), o qual aponta que, em escala global, as relações sociais e econômicas foram se configurando concomitantemente às transformações nas relações capitalistas, transitando do Capitalismo Industrial para uma fase monopolista, denominada Capitalismo Financeiro. Essa transição promoveu alterações nas dinâmicas laborais por meio da nova Divisão Internacional do Trabalho (DIT), ocorrida na segunda metade do século XX. Esse período caracteriza-se pela mundialização do capital, evidenciada pela consolidação de monopólios empresariais, também denominados multinacionais (CHESNAIS, 1996; BROWN, 2019).

No Brasil, o período caracterizado pelo capitalismo monopolista foi marcado pela crescente tecnificação no setor rural, pela instalação de multinacionais em todo o território nacional e pelo surgimento de diversas indústrias, incluindo no estado do Ceará. Assim, o modo de produção capitalista reorganiza o espaço geográfico de acordo com seus interesses, abrangendo todas as esferas da sociedade — política, cultural, econômica, urbanística e comercial — e contribuindo de forma direta para a intensificação das desigualdades sociais, a precarização das condições laborais e a expansão do comércio e do trabalho informal.

De acordo com Antunes (2011), no capitalismo monopolista, a informalidade, em suas diversas manifestações, implica sempre a ruptura dos vínculos de contratação e regulação da força de trabalho. Essa condição caracteriza-se pelo aumento de atividades submetidas a contratos temporários sucessivos, sem estabilidade, ausência de registro em carteira e crescimento das taxas de desemprego. Diferentemente do setor formal, que deve operar de maneira legalizada assegurando os direitos trabalhistas dos trabalhadores, o setor informal é marcado pela inexistência de uma legislação específica

que garanta o cumprimento dos direitos fundamentais, como décimo terceiro salário, férias remuneradas, seguro-desemprego e licença maternidade.

Antunes (2011) destaca que o trabalhador informal atua em diversas modalidades de prestação de serviços, incluindo atividades como costureiras, pedreiros, jardineiros, vendedores ambulantes de bens de consumo imediato (alimentos, vestuário, calçados e itens de uso pessoal), camelôs, empregados domésticos, sapateiros e oficinas de reparo, entre outras. A presença desses trabalhadores é fundamental para a circulação e o desenvolvimento econômico.

Contribuindo para o debate acerca da informalidade, Jakobsen (2001) e Noronha (2003) ressaltam que os estudos sobre o trabalho informal se intensificaram na década de 1970, momento em que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) utilizou pela primeira vez o termo "setor informal" em seus relatórios relativos às condições de trabalho em Gana e Quênia, elaborados em 1972 no âmbito do Programa Mundial de Emprego. Tal iniciativa representou um avanço significativo na compreensão acerca do trabalho informal.

Desde então, a OIT define o trabalho informal como uma atividade de pequena escala, caracterizada pelo uso reduzido de técnicas, pela ausência quase total de separação entre capital e trabalho, pela limitada capacidade de acumulação, além de empregos instáveis e rendimentos baixos.

Cumprе salientar que, por um longo período, o trabalho informal foi considerado como um símbolo de atraso, subdesenvolvimento e até mesmo associado à marginalidade (JAKOBSEN, 2001; NORONHA, 2003). No entanto, Silva (2011) e Tavares (2002) defendem que essa modalidade de trabalho também pode ser interpretada como uma alternativa para a redução do desemprego, uma vez que um número crescente de trabalhadores tem optado por esse caminho. Entre os fatores que contribuem para essa tendência encontra-se a percepção ilusória de que é possível gerenciar o próprio tempo, organizando a rotina de trabalho de forma autônoma, sem a submissão às ordens de empregadores ou superiores hierárquicos, possibilitando assim maior convivência com os familiares.

Dessa maneira, o setor informal surge, entre outros fatores, como resultado das dificuldades enfrentadas pela economia urbana em absorver a crescente força de trabalho que emerge diariamente no cotidiano da cidade (TAVARES; 2002). Assim, a informalidade constitui um reflexo da sociedade e do desenvolvimento de sua economia.

De acordo com Cleps (2009), as atividades econômicas informais exercem influência direta nas transformações econômicas decorrentes da implementação de modelos flexíveis de gestão, os quais impactam o mercado de trabalho. O comércio informal constitui-se como uma prática habitual na sociedade brasileira, ocorrendo predominantemente no espaço urbano e integrando o mercado paralelo. Somando-se a essa discussão, Tavares (2002) ressalta que, em sociedades caracterizadas por elevadas taxas de desemprego, observa-se, de forma concomitante, uma tendência de aumento nas taxas de trabalho informal.

Silva (2011) destaca que o trabalho informal tem se configurado como um dos mecanismos de sobrevivência adotados por pessoas que vivem no campo, que complementam sua renda por meio de atividades desenvolvidas na cidade, como a comercialização de produtos agrícolas ou artesanais. Essa dinâmica também abrange aqueles que, ao migrarem do campo para o espaço urbano, não conseguiram inserção no mercado de trabalho formal e, portanto, recorreram ao setor informal como estratégia de sustento.

Nesse contexto, entende-se que essa forma de organização constitui uma expressão pela qual o campo se manifesta na cidade. A esse tipo de manifestação damos o nome de ruralidades, que também representam uma dimensão da relação campo-cidade

A relação campo-cidade e as ruralidades

Os estudos acerca da cidade e do campo atravessam a história e as sucessivas divisões sociais e territoriais do trabalho que neles vão se realizando. Nesse sentido, é preciso refletir criticamente sobre alguns conceitos utilizados, como: campo, cidade,

rural, urbano e as relações complexas que os compõem. Rua (2020) destaca a relevância de incluir nessas análises os sujeitos sociais responsáveis pela constituição dessas formas espaciais, considerando que tanto o campo quanto a cidade são formados por indivíduos que produzem e habitam esses espaços, construindo suas vidas, atividades laborais e relações sociais.

No que concerne ao conceito de cidade, Carlos (2007) a caracteriza como um conjunto de fatores sociais e culturais, bem como das relações estabelecidas em seu interior, incluindo elementos como vias urbanas, edificações residenciais e comerciais, veículos, indivíduos, comércio, indústrias, instituições de ensino, unidades de saúde, instituições financeiras e a própria paisagem urbana. Esta última compreende aspectos como vegetação arbórea, sons ambientais, poluição, eventos diversos e conflitos sociais.

No espaço urbano ocorrem tanto relações positivas quanto negativas, configurando a dinâmica do ambiente urbano. Assim sendo, a cidade manifesta conflitos sociais e relações de poder, além de servir como palco para lutas de classes, movimentos sociais e reivindicações por melhorias nas condições de vida. Nessa perspectiva.

A cidade é um modo de pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura. [...]. A cidade aparece como materialidade, produto do processo de trabalho, de sua divisão técnica, mas também da divisão social. É materialização de relações da história dos homens, normatizadas por ideologias; é forma de pensar, sentir, consumir, é modo de vida, de uma vida contraditória (CARLOS, 2007, p. 26).

No que diz respeito ao campo, Oliveira (2007) afirma que tem como uma de suas características a capacidade organizativa da classe camponesa e o sustento a partir da lida na terra. E Shanin (1983) identifica algumas características mais gerais das relações sociais do camponês, como, por exemplo, o trabalho familiar, a economia de subsistência e a tradição oral. Além disso, geralmente são subservientes a redes sociais mais amplas, possuem dinâmicas baseadas nos ciclos naturais (ano agrícola).

A vida no campo e na cidade tem dinâmicas diferentes, porém complementares, pois o campo produz o alimento que abastece a cidade e muitas das necessidades dos camponeses são supridas na cidade, como, por exemplo, a compra de produtos não

produzidos no campo, o acesso ao sistema de saúde, seja para realização de consultas e/ou exames, ou para estudar.

Santos (1994) destaca a relevância de entender o campo e a cidade como espaços distintos, cuja complementaridade decorre de suas diferenças intrínsecas. Nesse sentido, as interações entre o rural e o urbano ultrapassam os aspectos puramente materiais e econômicos, envolvendo também dimensões sociais, ideológicas e culturais.

Dessa forma, a discussão acerca do urbano e do rural transcende os limites tradicionais de espaço, conforme observa Bagli (2006), uma vez que existem territorialidades urbanas nos espaços rurais e territorialidades rurais nos espaços urbanos. Tal fenômeno pode ser explicado pela própria troca e complementaridade entre o campo e a cidade, o rural e o urbano. Adjetivar e qualificar essas realidades apresenta-se como um desafio na contemporaneidade, conforme aponta a pesquisadora.

Segundo Rua (2020) a urbanidade no campo tem uma forte relação com o processo de industrialização do campo, com um aumento significativo da mecanização da produção agrícola. E o rural no urbano pode ser identificado nas atividades econômicas relacionadas à agricultura que ocorrem no perímetro urbano, como, por exemplo, as feiras que vendem produtos oriundos do campo.

Paula (2021) destaca que a migração do campo para a cidade não representa uma ruptura total com os modos de vida provenientes do campo. Ao contrário, essa migração das populações resulta na presença de ruralidades no espaço urbano, entendidas como a permanência de práticas, saberes e valores característicos do campo, que são transportados e ressignificados no contexto citadino.

Tais ruralidades emergem como marcas identitárias que integram a memória coletiva e o cotidiano dos sujeitos, revelando a continuidade das experiências vivenciadas no campo na vida urbana. Desse modo, elementos do campo se manifestam na cidade, dentre outras formas, por meio do cultivo de alimentos em quintais domésticos, da criação de pequenos animais, da valorização das relações de vizinhança e da preservação de festas e tradições culturais de origem rural.

Esse fenômeno mostra que o espaço urbano não pode ser visto como algo homogêneo e separado totalmente do rural. Na verdade, ele é um território cheio de trocas e conexões, onde práticas e significados se misturam. Por isso, as ruralidades urbanas representam tanto a resistência cultural dos migrantes quanto a capacidade de adaptar tradições rurais a novos ambientes (PAULA, 2021).

Segundo Veiga (2002), não existe uma separação rígida entre os contextos rural e urbano, pois esses espaços mantêm uma interação contínua, configurando um *continuum* no qual suas características se entrelaçam e se influenciam mutuamente. Nessa perspectiva, o conceito de ruralidade ultrapassa a delimitação espacial do campo, abarcando formas de vida, valores, práticas culturais e relações sociais que se constituíram historicamente no universo rural.

Esses elementos, conforme destaca Veiga (2002), manifestam-se de múltiplas maneiras no espaço urbano, como no cultivo doméstico de alimentos, na criação de pequenos animais — como galinhas e porcos, comumente observada nas áreas periféricas —, nas práticas alimentares, nas tradições culturais, na solidariedade comunitária, no artesanato e nos saberes tradicionais, além das feiras livres, que se configuram como importantes espaços de sociabilidade e expressão das ruralidades.

Portanto, uma das manifestações presentes no espaço urbano que expressam a relação entre o campo e a cidade encontra-se nas feiras livres, espaços nos quais são comercializados produtos provenientes do campo. Essa prática, contudo, não é recente. Almeida (2009) ressalta que, desde a Antiguidade, entre gregos e romanos, a troca de bens por meio das feiras já se configurava como uma forma relevante de circulação de mercadorias.

Gonçalves (2019, p. 26) afirma que a “feira, como uma conformação de comércio, tem origem na Idade Média, especificamente no período do renascimento do comércio, com o aumento da circulação de mercadorias entre as cidades e o campo”. Nesse contexto, as feiras surgiram como resultado do excedente produtivo e da consequente necessidade de troca de bens entre diferentes localidades.

Durante a Idade Média, o mercado consolidava-se como espaço permanente de concentração e comercialização de produtos agrícolas, enquanto as feiras ocorriam de

forma esporádica — geralmente uma ou duas vezes ao ano —, contribuindo para o desenvolvimento das cidades. Essas feiras desempenharam um papel essencial na dinamização econômica e no fortalecimento das relações comerciais entre o campo e o espaço urbano.

Sobral é um dos municípios do território brasileiro e cearense cuja formação territorial esteve historicamente relacionada, entre outros fatores, às feiras e à comercialização de gado (GONÇALVES, 2019). Nesse sentido, as feiras constituem um elemento de resistência às transformações advindas da modernidade, pois, apesar dos avanços técnico-científicos e informacionais, permanecem como um vínculo efetivo entre o meio rural e o urbano.

Na cidade de Sobral, essa dinâmica torna-se particularmente visível no Mercado Central, especialmente em sua área externa e entorno, onde os feirantes comercializam produtos, compartilham saberes e experiências e estabelecem relações sociais com a comunidade local, evidenciando a continuidade das práticas e tradições oriundas do campo.

O comércio informal em Sobral-CE e as ruralidades que se apresentam na cidade

A formação territorial de Sobral está diretamente vinculada às fazendas de gado e às atividades agropecuárias desenvolvidas no campo, seja pela criação de rebanhos, pela comercialização do charque ou ainda pela produção voltada à subsistência dos camponeses.

Ferreira (2013), em sua tese de doutorado, contextualiza que o estabelecimento dessas fazendas transformou Sobral em um núcleo agregador e escoador da produção oriunda da pecuária, especialmente de seus derivados. Entre os produtos de maior destaque estavam o couro e a carne salgada (charque). Este último, além de abastecer o comércio local e regional, era também comercializado com mercados situados nos estados de Pernambuco e Maranhão, revelando a inserção da cidade em redes econômicas mais amplas.

De acordo com Almeida (2009), desde o século XVIII, o território onde atualmente se localiza a cidade de Sobral funcionava como ponto de apoio para tropeiros e rebanhos bovinos, que utilizavam a Fazenda Caiçara, situada às margens do rio Acaraú, como local de descanso durante longas jornadas. Nesse contexto, em 1773, foi criada a Vila Distinta e Real de Sobral. As atividades relacionadas à criação de gado exerceram influência direta na emergência de práticas comerciais na região.

Gonçalves (2019) ressalta que o primeiro mercado de Sobral teve sua origem no comércio de gado. Posteriormente, em fevereiro de 1921, foi inaugurado o segundo mercado, já regulamentado por normas e regras estabelecidas pelo poder público municipal, indicando um processo de organização e institucionalização das atividades mercantis locais. Conforme o autor:

[...] com a construção do novo mercado, a Câmara Municipal logo tratou de regulamentar o comércio, estabelecendo horários, controles e onerações. Assim, o comércio de mantimentos e gêneros, como legumes e pescados, só poderia ser realizado num só lugar – a Praça do Mercado – para onde deveriam ser direcionadas todas as cargas de animais e carros que vinham da zona rural (GONÇALVES, 2019, p. 105).

Aos poucos, Sobral foi configurando seu espaço urbano, mantendo uma relação estreita com o campo. A partir da literatura existente, percebe-se que a cidade teve sua origem diretamente vinculada ao ciclo do gado e ao comércio de couro e carne salgada. Holanda (2007) contribui para a compreensão desse momento ao explicar que, no final do século XIX, a atividade pecuária se associou ao cultivo do algodão, formando o binômio gado-algodão.

Dessa forma, Sobral consolidou-se como um centro coletor de produtos provenientes do sertão e das serras do oeste cearense. Com essa dinâmica, a cidade firmou sua base econômica em torno das atividades relacionadas à pecuária e à produção de algodão, garantindo sua inserção em redes comerciais regionais.

De acordo com Holanda (2007), o crescimento da produção de algodão em Sobral levou à criação de uma indústria de beneficiamento do produto, a Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano, uma das primeiras no município. À medida que a produção se intensificava, houve um rearranjo territorial para viabilizar o escoamento da mercadoria. Por volta de 1870, foi construída uma ferrovia que ligava o município a

outras regiões, consolidando Sobral como um centro estratégico tanto na pecuária quanto na produção e industrialização do algodão.

A construção da Estrada de Ferro de Sobral (EFS), no final do século XIX, desempenhou papel fundamental na consolidação da centralidade urbana no noroeste do Ceará. A implementação da ferrovia facilitou o escoamento da produção local, possibilitando que produtos sobralenses, especialmente algodão, couro e charque, atingissem não apenas Fortaleza, mas também mercados internacionais por meio da integração com portos como Acaraú e Camocim.

Holanda (2007) aponta que, no início do século XX, Sobral passou por diversas transformações nas esferas política, econômica, cultural e religiosa. Nesse período, a cidade consolidava progressivamente sua função de centro de comércio e serviços para atender à demanda da população local e dos municípios vizinhos. Dessa forma:

Sobral mantém sua expressão até a década de 1920, mas sente de forma incisiva os efeitos da seca e do constante crescimento de Fortaleza. A Capital se fortalece pela função administrativa, comercial e de serviços, contribuindo para a fragilidade da rede urbana cearense. Não obstante, Sobral procura manter seu papel econômico ancorado na atividade algodoeira. Essa atividade contribuiu sobremaneira para a implantação de indústrias na cidade de Sobral, ligadas ao beneficiamento de matérias primas locais, como as indústrias têxtil, de óleo vegetal, sabão, alimentos, etc. Aqui já podemos falar de um meio técnico ampliado (HOLANDA, 2007, p. 92).

A partir da década de 1990, Sobral passou por transformações marcantes nos âmbitos político, econômico e cultural, recebendo novos investimentos e apoio de autoridades locais, o que ampliou seu destaque comercial regional. A taxa de urbanização também cresceu nesse período, impulsionada pela instalação de indústrias de grande porte, como a Grendene, voltada à produção de calçados. No contexto contemporâneo, Sobral continua a exercer influência como cidade média estratégica na região norte do Ceará, reforçando sua relevância econômica, social e cultural (HOLANDA, 2007).

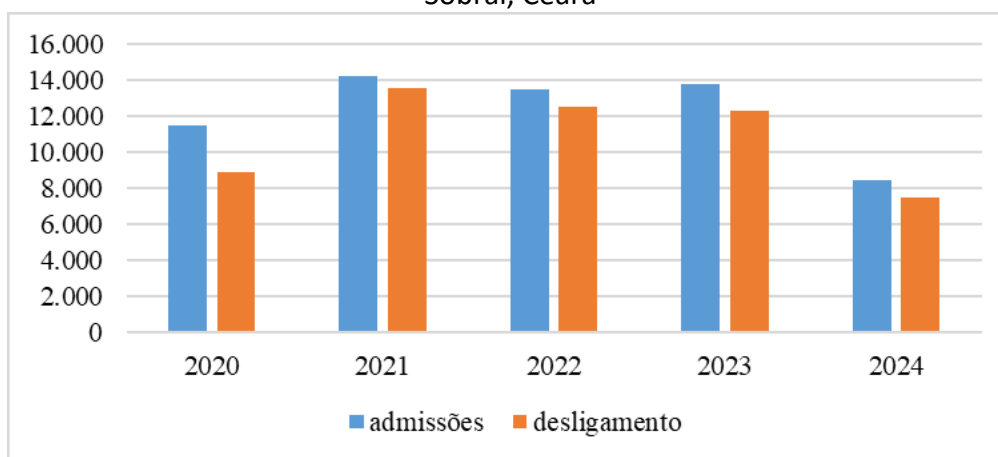
Sobral se destaca como cidade média ao receber diariamente um fluxo significativo de pessoas provenientes de municípios vizinhos, que buscam acesso a serviços especializados de saúde e educação, reforçando seu papel central na região norte do Ceará. Para Holanda (2000/2001), a cidade média, quando analisada em

termos de escala, é entendida como aquela que exerce funções estratégicas em relação à sua região, seja nos âmbitos econômico, social ou político.

Apesar de tratar-se de uma cidade de porte médio, Sobral apresenta diversos desafios relacionados às questões trabalhistas. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), ilustrados no gráfico 1, indicam que, em 2020, ocorreram 11.499 admissões e 8.862 desligamentos. No ano de 2021, houve aumento nesse volume, totalizando 14.182 admissões e aproximadamente 13.575 desligamentos no município de Sobral.

Em 2022, os números sofreram redução, com 13.513 admissões e 12.538 desligamentos. Para o ano de 2023, registraram-se 13.771 admissões e 12.318 desligamentos. Em 2024, até o primeiro semestre, foram contabilizadas 8.423 admissões e 7.468 desligamentos. Ressalta-se que os dados referentes ao ano de 2024 correspondem apenas ao período inicial do ano. A análise dessas informações revela que as taxas de admissões e desligamentos apresentam valores relativamente próximos entre si.

Gráfico 1 - Do quantitativo de admissões e desligamentos de trabalhadores(as) em Sobral, Ceará



Fonte: CAGED, 2024. Elaboração: Autor(a), 2024.

Diversos estudos indicam que o desemprego possui relação direta ou indireta com o crescimento do comércio e do trabalho informal (CLEPS, 2009; NORONHA, 2003; ANTUNES, 2011). Com base nesse entendimento, ao analisar o comércio informal em Sobral, observa-se uma variedade de manifestações relacionadas ao trabalho não regulamentado, destacando-se a presença significativa de vendedores ambulantes no

perímetro urbano da cidade. Esses vendedores comercializam uma diversidade de produtos, incluindo confecções, eletrodomésticos, artesanatos, tapetes produzidos artesanalmente ou em máquinas manuais, além de alimentos como lanches e produtos provenientes do campo, como castanhas e frutas.

A partir da análise de Alves e Tavares (2006), observa-se que os vendedores ambulantes, integrantes do comércio informal, desempenham papel significativo na circulação da economia em Sobral. Holanda (2007), em sua tese de doutorado, utiliza o conceito de circuito inferior para pensar essa dimensão econômica, destacando que prestadores de serviços tradicionais pertencentes a esse circuito resistiram ao tempo e se disseminaram pela cidade.

Entre esses prestadores encontram-se costureiras, chapeleiras, carroceiros, flanelinhas e outros, cuja atuação é fundamental para a economia local, coexistindo com o circuito superior, que envolve atividades formais e de maior escala. Essa interação evidencia como o comércio informal e os serviços tradicionais mantêm-se relevantes para o funcionamento econômico da cidade, mesmo diante da modernização e expansão urbana.

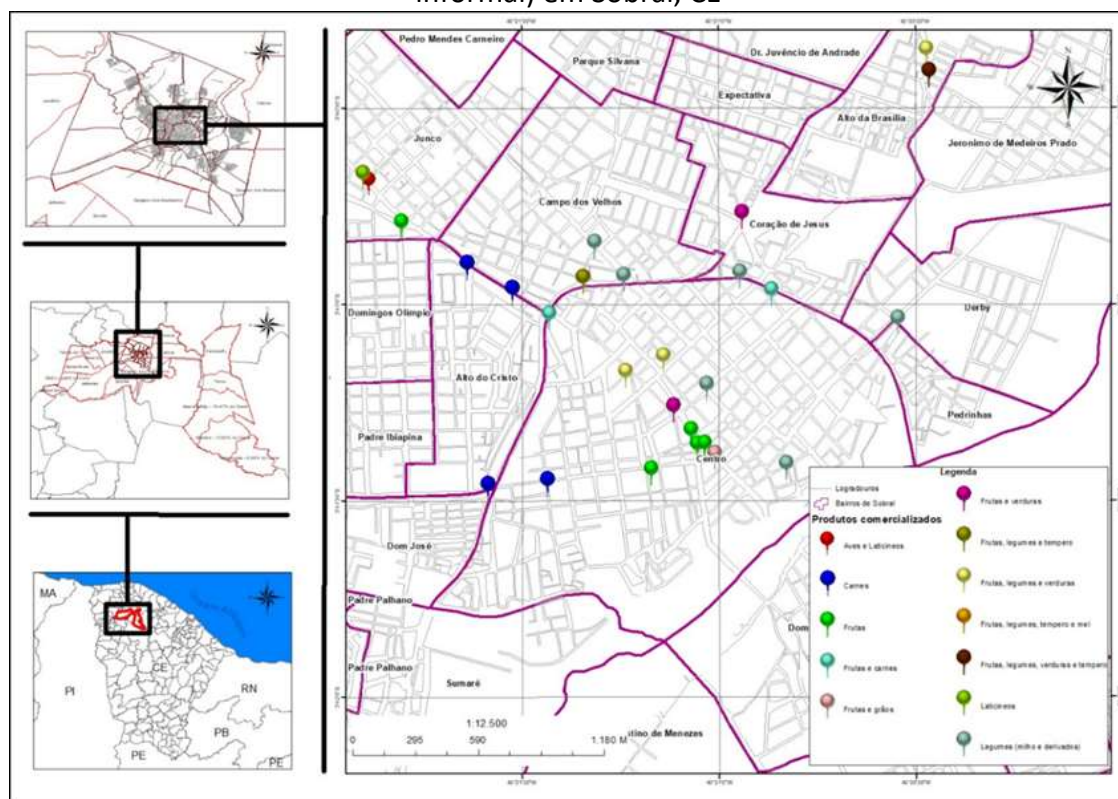
De acordo com Holanda (2007, p. 142), “em Sobral, ao lado do circuito superior marginal mais do que no pretérito, há a presença do circuito inferior, para atender às necessidades da classe pobre”. Em seus estudos, a autora evidencia que esse circuito inferior se manifesta em pontos estratégicos da cidade, ocupando áreas de grande circulação e visibilidade. Entre esses locais destacam-se a calçada do Hospital Santa Casa, ruas como Ernesto Diocleciano, Viriato de Medeiros e Coronel José Sabóia, as praças de Cuba e da Sé, bem como toda a quadra do Mercado Central. Essa distribuição espacial demonstra como o comércio informal e os serviços do circuito inferior se estruturam em locais centrais, garantindo acesso e visibilidade à população que deles depende.

No levantamento de campo realizado no primeiro semestre de 2024, verificou-se que os pontos destacados por Holanda (2007) permanecem relevantes e continuam sendo preferidos pelos vendedores ambulantes. Além disso, observou-se que a Avenida John Sanford, as imediações dos pontos do Veículo Leve sobre Trilho (VLT),

especialmente na estação Campos dos Velhos e na estação Junco, localizada no cruzamento da rua Coração de Jesus com a rua Desembargador Moreira da Rocha, nas proximidades do supermercado Rainha e do Terminal de Transporte Complementar (TTC), continuam atraindo a atenção dos ambulantes. A escolha desses locais, conforme relatado pelos(as) entrevistados(as), é motivada principalmente pela elevada circulação de pessoas e veículos ao longo do dia.

A Figura 2 apresenta a espacialização dos locais onde foi identificada a prática do comércio informal. A representação refere-se ao levantamento realizado até o momento em bairros de maior fluxo, incluindo Centro, Campo dos Velhos, Coração de Jesus, Junco, Alto da Brasília e Pedrinhas. Observa-se que essa atividade se concentra predominantemente em áreas de alta circulação de pessoas, como praças e avenidas. Além disso, verifica-se que a comercialização de frutas é a modalidade mais frequente, ocorrendo em diversos pontos da cidade, seguida pela venda de milho, seus derivados e carnes.

Figura 2 – Pontos de comercialização de produtos oriundos do campo (comércio informal) em Sobral, CE



Fonte: Mapa elaborado com base no trabalho de campo realizado em 2024-2025. Elaboração: RODRIGUES, José Marcos Duarte

Na Avenida John Sanford, foram identificados diferentes pontos de comercialização de leite, aves, verduras e legumes (Figuras 3, 4 e 5). A venda de leite ocorre de segunda a sábado, sendo parte do produto proveniente da zona rural de Sobral, da Serra da Meruoca e de municípios circunvizinhos, como Forquilha e Massapê. O leite é acondicionado em garrações de plástico, expostos de diferentes maneiras: suspensos em árvores, colocados sobre mesas ou nas calçadas em frente às residências. Essa disposição funciona como um sinal visual para os transeuntes, indicando a disponibilidade do produto naquele local. Além do leite, também são ofertados derivados de laticínios, como queijos, nata e doces de leite.

Figuras 3, 4 e 5 – Comercialização de produtos na Avenida John Sanford, Sobral-CE (2024).



Fonte: REINALDO, Thaysslorranny Batista. Trabalho de campo, 2024-2025.

Durante o trabalho de campo, a quarta pessoa entrevistada informou que a venda de leite ocorre, em média, a R\$ 8,50 (oito reais e cinquenta centavos) por garrafão de dois litros, correspondendo a aproximadamente R\$ 4,25 (quatro reais e vinte e cinco centavos) por litro. Foram identificados cerca de cinco pontos comerciais nas proximidades da avenida estudada que comercializam o produto. Quanto à venda de aves, o(a) entrevistado(a) nº 5 relatou que essa atividade ocorre às sextas-feiras, sábados e domingos, conforme detalhado em sua entrevista.

Eu compro meus frangos em Forquilha, vendo segunda, sábado e domingo à medida que vai saindo. Por exemplo, eu mato quatro aves, espero vendê-las

para poder abater outras, se não perde. Eu também vendo por encomenda, a pessoa solicita previamente, eu trago, mato, limpo e dou tratada. A água inclusive é fervida na hora. Além da galinha, também vendo ovos e leite. É daqui que eu retiro a renda para sustentar minha família (Entrevista nº 4, realizada em agosto de 2024, Sobral, Ceará).

Outro alimento comercializado de forma informal em diferentes pontos de Sobral — como a Praça São Francisco, a Avenida John Sanford e as proximidades do Memorial da Educação — é o milho, cuja venda se intensifica nos meses de junho, julho e agosto, segundo relato do(a) entrevistado(a) nº 01. Muitos trabalhadores informais adquirem o produto no município de Meruoca, enquanto outros o cultivam em suas próprias chácaras ou nas de familiares, garantindo a oferta durante o período de comercialização. As vendas ocorrem principalmente no período da tarde e da noite, aproveitando a sombra das árvores como proteção solar. O milho, geralmente assado ou cozido, é preparado em fogareiros a carvão e exposto para que os clientes possam escolhê-lo no momento da compra. Ao contextualizar sua experiência, o(a) entrevistado(a) destacou que:

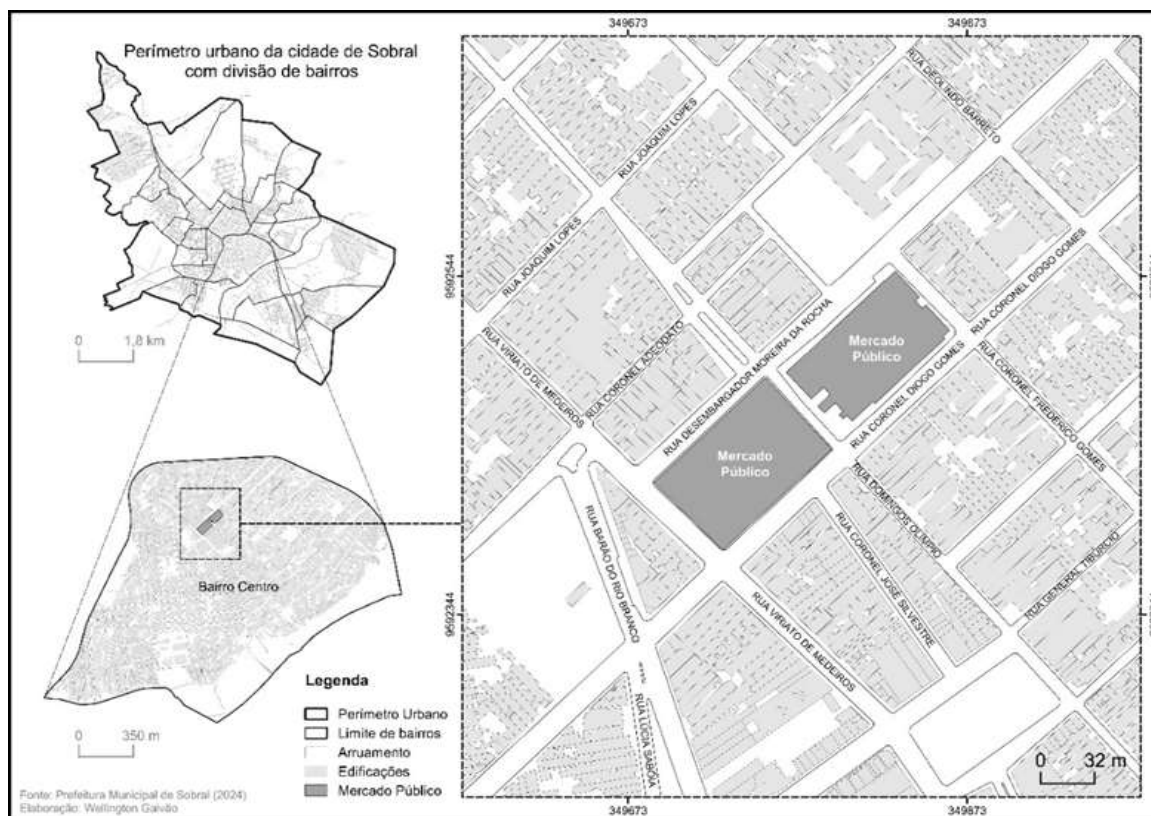
Eu moro no Caiçara e venho vender aqui nessa rua porque é mais movimentada. Eu tenho um rapaz que, às vezes, pago uma diária para ele, para me ajudar no dia que está mais movimentado ou que eu não consigo vir. O milho eu cozinho nessa panela na hora, é preciso ter muito cuidado para não se queimar. A pamonha é feita pela minha mãe, e a canjica também. O pessoal gosta bastante de milho, pena que a safra boa do milho já está perto de acabar (Entrevista nº 07, realizada em agosto de 2024, Sobral, Ceará).

A Avenida John Sanford é um dos principais pontos de venda de produtos do campo em Sobral, incluindo verduras e legumes adquiridos, muitas vezes, por meio de atravessadores³. Outro local onde essa atividade ocorre com frequência é o Mercado Municipal de Sobral, cujas imediações se configuram como um dos principais espaços de comercialização informal, reunindo diariamente um número expressivo de vendedores(as) que oferecem uma variedade de alimentos, como verduras, legumes, frutas, temperos, leite e derivados, com o propósito de garantir o sustento familiar. Nos

³ Os atravessadores são agentes intermediários na cadeia de comercialização que adquirem produtos diretamente de produtores rurais ou centrais de abastecimento e os revendem a comerciantes ou consumidores finais. Embora facilitem a circulação das mercadorias, sua atuação pode reduzir a margem de lucro dos produtores e influenciar na formação dos preços no mercado local (MAYORGA, OLIVEIRA; 2005).

arredores (Figura 6), especialmente nas ruas Coronel Diogo Gomes e Desembargador Moreira da Rocha, essa prática se manifesta de forma intensa e contínua, constituindo um ponto estratégico de circulação de mercadorias e evidenciando a dinâmica do comércio informal na cidade.

Figura 6 - Localização do Mercado Público de Sobral



Fonte: Prefeitura Municipal de Sobral. Elaboração: GALVÃO, Welligton (2024)

Em diálogo com os(as) vendedores(as) que atuam nas imediações do Mercado Municipal de Sobral, foi possível identificar a origem de diversos produtos comercializados, como manga, acerola, goiaba, mamão, maracujá e abacate. Esses alimentos são provenientes da unidade da Centrais de Abastecimento S.A. (CEASA⁴) localizada em Tianguá e chegam aos(as) trabalhadores(as) informais por meio de caminhões ou atravessadores, responsáveis por intermediar a distribuição até os pontos de venda.

⁴ A Centrais de Abastecimento S.A. (CEASA) é uma empresa pública voltada à organização, gestão e fiscalização da comercialização e distribuição de produtos hortifrutigranjeiros, atuando como elo entre produtores rurais, distribuidores e comerciantes varejistas. No Ceará, possui unidades em Fortaleza, Maracanaú, Tianguá e Barbalha.

Durante a coleta de dados, cerca de dez trabalhadores(as) informais entrevistados(as) relataram que alguns produtos comercializados nas proximidades do Mercado Municipal têm origem em diferentes municípios. Destacam-se, por exemplo, o coco, o pepino e a abóbora provenientes de Acaraú; os temperos, como alho e açafrão, fornecidos por distribuidores de Fortaleza; a farinha oriunda de Novo Oriente; o cheiro-verde (cebolinha e coentro) e a alface adquiridos de produtores de Meruoca; e a banana e o tomate oriundos de Itapajé. Essa diversidade de produtos do campo sendo revendidos na cidade (Figura 7) evidencia a importância do comércio informal, permitindo discutir a relação campo-cidade e demonstrando como essa economia contribui para a circulação de mercadorias e para a subsistência dos trabalhadores(as) em Sobral.

Figura 7 - Comercialização de frutas e legumes nos arredores do Mercado Público de Sobral, Ceará



Fonte: REINALDO, Thayssllorranny Batista. Trabalho de campo, 2024-2025.

Cabe informar que a disponibilidade de produtos varia conforme a época do ano, uma vez que depende da safra em produção. O preço dos produtos é ajustado de acordo com a oferta: quanto maior for a quantidade disponível, menor tende a ser o preço; quanto menor for a produção, maior se torna o valor. Esse fenômeno segue a lei da oferta e da procura, uma das características fundamentais do sistema capitalista.

Os dados coletados em campo indicam que os trabalhadores e trabalhadoras do Mercado Público de Sobral iniciam suas atividades por volta das 5h30min às 6h da manhã, frequentemente provenientes de bairros distantes do centro urbano, como

Renato Parente, Caiçara e Terrenos Novos. A maioria não usufrui de dias de descanso nos feriados ou aos domingos; conforme relato de um(a) trabalhador(a), "se não trabalhamos, o dinheiro não entra, não conseguimos levar comida para casa. Só ganhamos o dia em que trabalhamos, e isso se alguém comprar nossos produtos" (Entrevista nº 10, realizada em fevereiro de 2024, Sobral, CE).

O cotidiano dos trabalhadores informais é permeado pelo cansaço e pela incerteza, uma vez que os dias sem venda correspondem diretamente à ausência de renda. Além disso, por não estarem amparados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), esses trabalhadores ficam à margem de direitos básicos, como o seguro-desemprego, as férias remuneradas e o décimo terceiro salário. Tal realidade evidencia a precariedade estrutural e a vulnerabilidade social que caracterizam o trabalho informal no contexto urbano contemporâneo.

Por meio de trabalho de campo, também foi possível identificar os principais elementos presentes no cotidiano dos trabalhadores informais de Sobral durante a comercialização de seus produtos. Inicialmente, esses indivíduos adquirem os produtos de atravessadores ou pequenos produtores rurais situados nas proximidades de Sobral. Uma parcela reduzida dos(as) entrevistados(as) também produz os itens comercializados (como frango, porco e leite), em propriedades familiares ou arrendadas, mediante a entrega de uma parte da produção ao proprietário.

Um exemplo dessa dinâmica foi citado pelo(a) entrevistado(a) 09, que relatou: "Vendo feijão aqui na minha bicicleta, ando por essas ruas de Sobral. Meu roçado fica na terra de um conhecido, e eu dou um pouco do feijão para ele quando colho. Meu roçado fica ali no Distrito Jordão" (Entrevista realizada em agosto de 2024, Sobral, Ceará). Esse relato evidencia como as ruralidades permanecem presentes no cotidiano da cidade de Sobral, mostrando a continuidade das práticas e modos de vida do campo no espaço urbano.

Outra etapa fundamental na comercialização pelos(as) trabalhadores(as) é a circulação da mercadoria, que abrange todo o percurso do produto, desde o produtor até o consumidor final. Essa circulação ocorre por meio de diferentes veículos, incluindo carros — principalmente para produtos provenientes de outros municípios —, motos,

bicicletas, carroças e carrinhos ambulantes. A escolha do meio de transporte está diretamente vinculada ao poder econômico de cada trabalhador(a), influenciando tanto a quantidade quanto o tipo de produtos que podem ser transportados.

Conforme anteriormente mencionado, a comercialização dos produtos ocorre em locais estratégicos, previamente selecionados devido ao elevado fluxo de veículos e pedestres ao longo do dia. Esses pontos incluem avenidas, praças, áreas próximas a instituições de ensino unidades de saúde, estações do VLT e o centro urbano, especialmente nas proximidades do Mercado Municipal. A Figura 8 apresenta uma representação visual dos principais elementos desse processo, evidenciando a circulação das mercadorias e a dinâmica do comércio informal na cidade.

Figura 8 - Comércio informal de Sobral: Etapas observadas



Fonte: Trabalho de campo realizado 2024-2025.
Elaboração: REINALDO, Thayssllorranny Batista (2025).

No que se refere à circulação da mercadoria, é importante destacar que não se trata de pontos fixos de venda, uma vez que muitos(as) trabalhadores(as) informais não permanecem em um único local, mas circulam pelas ruas da cidade. Essa dinâmica é

especialmente observada entre aqueles que utilizam carrinhos ambulantes e bicicletas para comercializar seus produtos, permitindo-lhes alcançar diferentes áreas e clientes ao longo do dia.

O poder público municipal ainda não dispõe de um observatório dedicado à análise do comércio informal. Segundo um dos(as) entrevistados(as), funcionário(a) da administração pública, essa iniciativa não foi implementada devido à alta mobilidade desse segmento na cidade, caracterizada pela ausência de pontos fixos de atuação. Ademais, a adesão da classe às normativas vigentes, como o pagamento de tributos e a obtenção de licenças de funcionamento, apresenta-se como uma dificuldade adicional, dificultando o monitoramento por parte da administração pública.

Grande parte dos trabalhadores informais é oriunda do campo, pessoas que migraram para a cidade em busca de melhores condições de vida ou que, de alguma forma, mantêm vínculos com atividades rurais. Entre os 20 entrevistados(as), por exemplo, 15 já residiram no campo e migraram para a cidade em determinado momento de suas vidas. Muitos não conseguiram inserção no setor formal, sendo obrigados a buscar alternativas de subsistência, dentre as quais se destaca o comércio informal.

Em Sobral, as ruralidades se manifestam, entre outros modos, por meio da comercialização de produtos oriundos do campo, bem como pelo conhecimento necessário para o preparo desses alimentos, transmitido de geração em geração. Essa dinâmica evidencia a permanência de saberes e práticas rurais no contexto urbano, revelando como elementos do campo continuam presentes na vida cotidiana da cidade.

Assim, as ruralidades que se manifestam na cidade vão além da mera comercialização de produtos ou da existência de pequenas áreas - como pequenos roçados - cultivadas no perímetro urbano. Elas estão intimamente relacionadas ao conhecimento ancestral transmitido entre gerações, bem como às práticas culturais e tradições que permanecem vivas no cotidiano urbano.

Considerações finais

A pesquisa demonstrou que o comércio informal em Sobral-CE constitui uma atividade fundamental para a reprodução social de inúmeros trabalhadores(as), em sua maioria com origens rurais ou vínculos diretos com o campo. A comercialização de produtos agrícolas — como leite e derivados, aves, frutas, legumes e verduras — evidencia a forte inter-relação entre campo e cidade, expressando ruralidades que permanecem vivas no espaço urbano.

Constatou-se que esses(as) trabalhadores(as) ocupam pontos estratégicos de circulação intensa, como avenidas, praças, proximidades de escolas, hospitais e do Mercado Municipal. A atividade é marcada por rotinas exaustivas e ausência de garantias legais, uma vez que a informalidade não assegura direitos trabalhistas previstos pela CLT

Os resultados apontam que o comércio informal, além de dinamizar a economia urbana, representa também um espaço de resistência cultural, por meio da manutenção de práticas e saberes transmitidos entre gerações. Contudo, a ausência de políticas públicas específicas reforça sua precarização e invisibilidade.

Conclui-se, portanto, que compreender o comércio informal em Sobral possibilita refletir sobre as contradições do capitalismo contemporâneo, no qual estratégias de sobrevivência convivem com processos de modernização e globalização. Assim, torna-se urgente o desenvolvimento de ações institucionais que reconheçam a relevância econômica e social dessa prática, garantindo melhores condições de trabalho sem desconsiderar os elementos culturais e as ruralidades presentes na cidade.

Agradecimentos

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo financiamento concedido por meio do Edital 09/2023 e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGEU/UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú - CE.

Referências

- ALMEIDA, Daniel Gadelha de. **Indústria e reestruturação sócio-espacial: a inserção de Sobral (CE) na divisão espacial da produção calçadista**. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.
- ALVES, M. A.; TAVARES, M. A. A dupla face da informalidade do trabalho: “autonomia ou precarização”. In.: ANTUNES, R. (org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- ANTUNES, Ricardo. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?. **Serviço Social & Sociedade**, p. 405-419, 2011.
- BAGLI, Priscila. **Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema: dos mitos pretéritos às recentes transformações**. 2006. 207 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Editora filosófica politeia, 2019.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- CLEPS, Geisa Daise Gumiero. Comércio informal e a produção do espaço urbano em Uberlândia (MG). **Sociedade & Natureza**, v. 21, p. 327-339, 2009.
- FARIA, Luiz Augusto Estrella. Capitalismo, espaço e tempo. **Rev. Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 20, n.1, 1999, p. 261-283
- FERREIRA, D. L. **A (re)invenção de uma cidade: Cid Marketing e a requalificação urbana em Sobral - CE**. 2013. 316f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Campina.s, 2013.
- GONÇALVES, Luiz Antonio Araújo. **A metamorfose da feira nordestina: a inserção da confecção popular**. São Paulo: Blucher/Edições UVA, 2019.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola. 1994.
- Harvey, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HOLANDA, Virgínia. Em busca dos sentidos que permeiam a cidade média. Revista **Casa da Geografia**, Volume 2/3, nº 1, 2000/2001, p. 17-22.
- HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **Modernizações e espaços seletivos no Nordeste brasileiro. Sobral: conexão lugar/mundo**. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Área de concentração: Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

JAKOBSEN, Kjeld. **Mapa do trabalho informal. Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo**, 2001.

LIMA, Dilaneide Justiniano de. **O comércio informal: um estudo sobre possíveis soluções para a informalidade no Brasil** [Monografia]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4387/1/EJL05062018.pdf>. Acesso em: 2 out. 2025

LOVADINI Mauricio. Indústrias em Pequenas Cidades: Os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação: o caso da aglomeração urbana de Piracicaba-SP. Número Especial da **Revista Estudos Geográficos** – XIII Seminário da Pós-Graduação em Geografia, Rio Claro, 15(0):101-120, jan./jun. 2017 (ISSN 1678—698X).

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MAYORGA, Maria Irles de Oliveira; OLIVEIRA, Antônio Dimas Simão de. Os impactos da participação do atravessador na economia do setor agrícola: um estudo de caso. In: **Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - SOBER**, 43., Riberão Preto-SP, 2005. Anais... Brasília-DF: SOBER, v. 1, p. 1-13, 2005.

NORONHA, Eduardo G. " Informal", ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 18, p. 111-129, 2003.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A mundialização do capitalismo e a Geopolítica mundial no fim do século XX. In. ____: ROSS, Jurandyr L. Sanches (Org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 239-288.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007.

PAULA, Larissa Araújo Coutinho de. Contribuições teóricas sobre a relação campo-cidade: algumas reflexões. **Geoconexões** (online), v.1, n.2, p. 02-13, 2021.

RUA, João. Relações cidade-campo e urbano-rurais: rerepresentando as urbanidades no rural como elementos constitutivos do espaço em metropolização. **GEOgraphia**, vol: 22, n.48, 2020.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

SHANIN, Teodor. **La classe incómoda. Sociología política del campesinato em uma sociedad em desarrolo**. (Rusia 1910-1925). Tradução TAPIA, Fernando Andrada. Madrid: AlianzaEditorial, 1983.

SILVA, Franciclécia de Sousa Barreto. **As faces e os disfarces da informalidade no capitalismo contemporâneo: um estudo do comércio de rua em Pau dos Ferros/RN**. 2011. 237 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social, Formação Profissional, Trabalho e Proteção Social; Serviço Social, Cultura e Relação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

Disponível: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17917>.

TAVARES, Maria Augusta. Trabalho informal: os fios (in)visíveis da produção capitalista. **Revista Outubro**, N. 7, 2002. Acesso em: 15 out. 2025

VEIGA, José Eli da. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula.* Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

Recebido: 24/07/2025 Publicado: 01/11/2025

Editor Geral: Dr. Eliseu Pereira de Brito